DISCURSO LITERÁRIO: SENTIDOS E VALORES EM DIÁLOGO

Ana Lucia Trevisan*

Resumo: Este trabalho estuda sentidos e valores imanentes ao discurso literários e, nesse sentido, analisa as relações entre o autor, o texto e o leitor como possibilidades pertinentes para nortear a reflexão a respeito dos meandros literários e suas implicações nos contextos socioculturais contemporâneos.

Palavras-chave: literatura; recepção; narrativa.

■ **E**mbrenhar-se no questionamento a respeito dos sentidos e valores do discurso literário pode expor-nos a alguns descaminhos e, talvez, exigir algumas peripécias reflexivas. Afinal, quais seriam os limites para definir os sentidos e valores das produções literárias? É possível medir, somar, qualificar ou avaliar cosmos tão autônomos como os literários? Essas possibilidades inquietantes tornam-se, possivelmente, mais factíveis se partirmos de uma explanação que instrumentalize metaforicamente os conceitos de sentido e de valor.

Assim, o discurso literário pode possuir sentidos que apontam para suas múltiplas faces, para seus caminhos ou suas essências, e instituir sentidos que desapontam, ou seja, sentidos que não mostram direção alguma, revelação nenhuma. Nessa aparente falha, a literatura se desvela em renovadas indicações. O discurso literário pode apresentar valores que remetem aos seus paradigmas de qualidade e importância, e ser capaz de contabilizar valores que são o reverso de uma medida e, com isso, permitir-se orientar outros expoentes significativos.

* Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Curso de Letras do Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

No interior desse embate que redimensiona sentidos e valores, consideraremos as relações entre autor, texto e leitor como possibilidades pertinentes para nortear a reflexão a respeito dos meandros literários e suas implicações nos contextos socioculturais contemporâneos.

Na reflexão sobre o texto literário, cabe destacar a ambivalência dos aspectos determinados pela forma e pelo conteúdo. As múltiplas temáticas articuladas nas obras literárias alcançam uma dimensão verdadeiramente significativa quando se somam aos preceitos de uma arquitetura textual particularizada. Dado que a figura do leitor pertence a uma esfera localizada no extremo das proposições temáticas e também das elaborações estéticas, cada leitor pode operacionalizar o binômio forma e conteúdo, estabelecendo diálogos com as referidas circunstâncias históricas que possibilitaram o surgimento do texto.

A literatura, entre tantos outros sentidos, move-se na direção dos conteúdos. Os temas propostos sugerem caminhos interpretativos que dialogam com o intelecto de seus leitores, propiciando alternativas reflexivas para novos ou velhos questionamentos. Porém, os valores e sentidos residem tão somente nas opções temáticas? Se aceitarmos essa premissa, quais serão as temáticas mais inquietantes? Quais ainda não foram exploradas? Todos os temas são possíveis? Por que, tantas vezes, se conta uma história que todos já sabemos? As respostas a essas perguntas podem ser dadas quando discutimos a forma de construção dos textos literários. A forma do texto literário, sabidamente, é um elemento crucial e precisa ser investigado quando nos defrontamos com amplitude significativa da literatura.

Todo tema exige uma forma, uma ordem, uma perspectiva, e, algumas vezes, constrói-se uma perspectiva formal que parte do caos sem desejar converter-se em cosmos. A forma da ordenação dos acontecimentos e das reflexões, contidos em inúmeros textos ficcionais, permite que os sentidos e valores da literatura se explicitem. Sem dúvida, é preciso pensar que um desses sentidos pode ser justamente o de exigir que o leitor imprima sua própria ordenação ao texto literário.

As obras literárias apoiam-se na riqueza de suas referências implícitas, caladas e latentes, porém perceptíveis pelo olhar mais atento. Tantas vezes se observa que as construções ficcionais se constituem por um grande exercício de hermenêutica realizado por seus autores, e tal movimento se revela posteriormente como proposta de exercício hermenêutico para cada novo leitor.

A forma de apresentar as nuances temáticas impõe a cada leitor uma provocação – sempre determinante na leitura –, permitindo que a análise e interpretação dos textos atuem no imaginário dos leitores, removendo, por vezes, a impermeabilidade de certos pontos de vista. Sempre que o leitor necessita realizar o esforço para montar ou desmontar um texto literário, surge um questionamento mais amplo: percebemos que o nosso cotidiano, repleto de discursos imanentes, também nos exige um esforço contínuo de desvendamento? Não estamos o tempo todo interagindo e reorganizando as narrativas que lemos no dia a dia? Os experimentalismos literários nos ajudam a perceber que tudo o que se propõe como construção discursiva, invariavelmente, configura-se como uma forma de articulação possível que exigiu uma montagem, cuja intenção nem sempre é explicitada em um primeiro momento. Nesse sentido, um dos valores da literatura que se insinua é considerar a formulação da arquitetura

textual como um modo de operacionalizar uma percepção crítica a respeito das multifacetadas construções discursivas do nosso tempo.

Para dilatarmos os sentidos da produção literária, retomamos as ideias do filósofo Hans-Georg Gadamer sobre a hermenêutica e sobre a importância do texto escrito como código – que possui intrinsecamente reflexões sobre a tradição e a memória. Quando Gadamer (1999, p. 572-573) assinala que “o que se fixa por escrito se eleva de certo modo, à vista de todos, a uma esfera de sentido na qual pode participar todo aquele que esteja em condições de ler” e, dessa forma, todo escrito é “uma espécie de fala alheada, que necessita da reconversão de seus signos à fala do sentido”, percebemos que a preocupação quanto à supremacia do escrito introduz a questão da sua veracidade. Dessa forma, uma vez mais surge o papel importante e crucial do leitor, pois este, na perspectiva filosófica de Gadamer (1999), “experimenta, em sua validade, o que lhe fala e o que ele compreende. Por sua vez, aquilo que ele compreendeu será sempre mais que uma opinião estranha: já será sempre uma possível verdade”. O texto se constrói também na leitura, constitui-se efetivamente pelo movimento de interação e, por isso, torna-se dinâmico, instigante, desafiador das percepções mais ingênuas a respeito do tempo e do espaço de seus leitores e autores.

A literatura é mestra em apresentar possíveis verdades que trazem no seu bojo um reflexo multifacetado das mentalidades de diferentes sujeitos históricos. Se enveredarmos por esses caminhos, poderemos retomar outro filósofo, o napolitano do século XVIII Giambattista Vico (1999), que elabora uma perspectiva crítica a respeito da construção da história partindo da observação da experiência das diferentes mentalidades humanas. Vico destaca que a cultura de um povo, seus mitos, suas lendas, produções artísticas, enfim, todo esse caudal representativo remete ao universo cognitivo, que, uma vez compreendido, estabelece a ideia de identidade cultural.

A questão da imaginação será crucial na perspectiva filosófica de Vico (1999) quando afirma que apenas podemos conhecer aquilo que nós mesmos criamos. Assim, a Matemática é em si mesma ciência, pois é construída pelo homem. Nesse sentido, o conhecimento a respeito dos seres humanos não seria demonstrativo como o da Matemática; conhecer o homem, ou o “autoconhecimento”, seria possível se estivesse relacionado à atitude de conhecer o que o homem é capaz de criar. Quando deparamos com a produção imaginativa de outros sujeitos históricos, é possível interagir com seus pensamentos, sentimentos e ideais. Os sujeitos contemporâneos separados geograficamente, possuidores de mentalidades e linguagens diferentes, assim como sujeitos pertencentes a culturas remotas, todos poderiam ser percebidos pela força que imprimem em suas produções imaginárias.

Segundo Vico, compreender os motivos e as ações dos outros homens é diferente de conhecer o mundo exterior de uma maneira geral. Sua obra, *A ciência nova*, descreve “uma história ideal eterna, na qual correm no tempo as histórias de todas as nações em seus inícios, progressos, estados e afins” (VICO, 1999). Logo, quem medita sobre essa ciência “acaba por narrar a si mesmo esta história ideal eterna – pois este mundo de nações foi certamente feito pelos homens (que foi o princípio indubitável que expusemos acima)” (VICO, 1999, p. 139). Percebemos que Vico explicita a ideia de que conhecer a mente dos homens e sua expressão poética direciona o conhecimento de uma “história ideal eterna”, pois, “devendo encontrar a forma dentro das modificações de nossa própria

mente humana – segundo a prova acima, ‘teve, tem e terá’, que ele mesmo as faça; pois que quem faz as coisas deve ele próprio narrá-las, e, assim, pois, não pode ser mais certa a história”. Conhecer e narrar. Imaginar e narrar. Narrar o que imaginamos, está lançada uma perspectiva de entendimento das diferentes mentalidades, sempre desafiadora.

No esteio do pensamento de Vico, a literatura nos permite uma ampla visão do universo cognitivo das sociedades e, sem privilegiar formas de identidade unívoca, conduz à visão e à compreensão de uma perspectiva multifacetada dos sujeitos históricos. No entanto, para atingir a compreensão dessa amplitude histórica, favorecida pela obra literária, é preciso romper os limites que aprisionam as categorias culturais em valores como “superiores” ou “inferiores”; é necessário cruzar a fronteira entre o que se estabelece por cultura central e cultura periférica. Os diferentes textos que compõem os vários paradigmas culturais são perguntas e respostas em tempos passados e contemporâneos. A literatura se mostra também como possibilidade de fruição de diferentes universos cognitivos, cuja abrangência é revalidada, justamente, pela interação entre o texto e o leitor, renovada no tempo.

Cada período temporal recortado nas várias formulações literárias com as quais deparamos apresenta a possibilidade de interação com manifestações culturais distintas e, logicamente, cosmovisões diferentes. No entanto, as unidades simbólicas de tempo, espaço e pensamento não estão isoladas nem são estáticas. A literatura permite o movimento de *corsi e recorsi*, que poderia ser transposto para o movimento de contar e recontar. Contar e recontar é dizer, e dizer de outra forma. Esse *corsi e recorsi* não somente abre e fecha possibilidades para a construção dos distintos tempos e universos culturais como estabelece a multiplicidade de leituras pertinentes e definidoras da literatura. Considerando-se possível contar no movimento de *corsi e recorsi*, também será possível ler e reler pelo efeito do mesmo princípio.

Quando pensamos sobre o diálogo entre obra e leitor, é possível retomar as interpretações de Umberto Eco (1988) sobre a “obra aberta”, quando este se refere ao texto de James Joyce, *Finnegans Wake*, percebendo-o como uma referência a esse tipo de obra que permite a seu receptor que “se frua de modo sempre diverso uma mensagem que por si só (graças à forma que realizou) é plurívoca”. Umberto Eco analisa a arte contemporânea a partir da realização da música serial, que consegue atingir a perspectiva de obra aberta, “libertando a audiência dos trilhos obrigatórios da tonalidade e multiplicando os parâmetros com que organizar e degustar o material sonoro”. E ainda relacionando-a à pintura informal, “quando tenta propor não mais uma, mas várias direções de leitura de um quadro” (ECO, 1988, p. 34). Para o escritor e crítico italiano, o romance, por sua vez, não conta mais uma “única estória e um único enredo, mas procura endereçar-nos, num só livro, à individuação de mais estórias e enredos” (ECO, 1988, p. 34).

A estruturação do texto literário, e aqui podemos pensar a tantas vezes referida caoticidade dos experimentalismos, aponta para a necessidade de uma postura comprometida do leitor, que passa de desafiado a desafiante, uma vez que imprime os sentidos e valores da sua própria leitura a cada texto que o provocar. A obra de arte, seja o texto literário, a música ou a pintura, tem exigido maneiras sempre renovadas de posicionamento.

Em 1928, Luis Buñuel e Salvador Dalí se arriscaram às pedradas de um público atônito durante a exibição do filme *El perro andaluz*. A imagem da navalha

que corta o olho da jovem, logo na sequência inicial do filme, é precisa em muitos sentidos para traduzir o corte proposto pela obra de arte. No caso da literatura, essa imagem ilustra um caminho para as releituras dos discursos que legitimam a contemporaneidade. Muitos dos cortes propostos pela literatura impregnam a visão do leitor. A imagem do filme remete ao nosso olhar cortado pelo cinema – ou pela literatura – e nos questiona os valores da transformação proposta por esse corte. A cena do filme pode nos incitar a fechar nossos olhos, a negar a violência da navalha, da frieza. A arte muitas vezes incita esse movimento. Na literatura, a exasperação dessa imagem se converte em atordoamento pela palavra. Com a leitura interpretativa, nosso olho é cortado e nossa disposição para ver as montagens dos textos é intensificada – ou quem sabe, treinada. Paira a questão: percebemos as grandes montagens dos discursos que compõem a nossa realidade?

Percebemos a dimensão cultural e política impressa nos textos literários a partir do momento em que vencemos o desafio estético, sem perder de vista, ou descartar, sua dimensão significativa. Trata-se de uma metáfora para o prazer, plenamente humano, de fazer e ler a literatura. Se cruzamos o limite e conjugamos a elaboração estética com a referência temática, percebemos que, na literatura, uma não existe sem a outra, e que, ao mesmo tempo, a soma delas não pertence aos parâmetros cartesianos.

Recorrendo uma vez mais a Hans-Georg Gadamer (1999, p. 574), podemos considerar a ideia de que “a determinação da obra de arte é a de se tornar uma vivência estética; ou seja, que arranque de um golpe aquele que vive, do conjunto de sua vida, por força da obra de arte e que, não obstante, volte a referir-se ao todo de sua existência”. Logo, a literatura estaria apta a nos resgatar da ordem do cotidiano para nos inserir no fluxo das dúvidas e dos questionamentos, que são o substrato de toda existência. Esse resgate implica o movimento do desvendamento formal, porém também se refere à interação com o universo temático das obras.

Embrenhar-se nos caminhos da literatura é também perder-se, talvez soltar-se para perceber que a “vida criada”, a “vida imaginada”, não está tão distante da vida experimentada. Imaginação e realidade tocam-se pela ação voluntária da leitura e da interpretação. A literatura bebe nas fontes da realidade, porém a realidade precisa despir-se com as vestes da literatura; dessa forma, é possível interagir com alguns ideais eternos que remetem ao desejo e à imaginação de todos nós.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética*. São Paulo: Hucitec, 1975.
- _____. *Estética da criação verbal*. Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ECO, U. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- GADAMER, H.-G. *Verdade e método*. Tradução Flávio Paulo Meurer. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- RICOEUR, P. *Interpretação e ideologia*. Tradução e apresentação Hilton Japiassu. 4. ed. Rio Janeiro: F. Alves, 1990.

VICO, G. *A ciência nova*. Tradução e prefácio Marco Lucchesi. Rio de Janeiro: Record, 1999.

WHITE, H. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. Tradução Alípio Correia de Franca Neto. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2001.

TREVISAN, A. L. Literary discourse: meanings and values in dialogue. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 41-46, 2010.

Abstract: The paper studies the meanings and values inherent literary discourse and, accordingly, examines the relationship between author, text and reader as possibilities relevant to guide the discussion about the literary intricacies and its implications in contemporary socio-cultural contexts.

Keywords: literature; acceptance; narration.